



## UMA ANÁLISE DO PROJETO TEAMO-PICOS NAS RELAÇÕES FAMILIARES

Jéssica dos Santos Araújo<sup>1</sup>  
Ianka da Silva Dantas<sup>2</sup>  
Sâmia Maria Vieira Araújo<sup>3</sup>  
Fabrícia Gomes da Silva<sup>4</sup>

### RESUMO

O transtorno de Espectro Autista vem sendo estudo de pesquisas decorrentes nas últimas décadas, isso se dá por sua forte presença no meio social e pela necessidade de proporcionar a essas famílias um melhor entendimento sobre o autismo, prover maiores estímulos e intervenções no que tange os contextos da saúde, escola e cotidiano familiar. O trabalho objetivou principalmente analisar quais os impactos do diagnóstico TEA nas famílias e como o Projeto TEAmo-Picos influencia positivamente dentro do ambiente familiar. Pelo método qualitativo e por meio de uma coleta de dados foi feito o questionário estruturado, enviado às mães que fazem parte do projeto TEAmo-Picos e retornado de forma virtual, prezando também uma ligação teórica embasado na abordagem de alguns autores como: Whitman (2015), Franco (2016), Pinto (*et al.* 2016) e Lacerda (2016) entre outros. Essas ações são importantes, pois, geram mais receptividade e abrem portas para que mães e a sociedade sejam capazes de ter uma maior compreensão e relevância na percepção dos sintomas, bem como na aceitação do diagnóstico, com práticas de inclusão, levando ao desenvolvimento pleno desses indivíduos. Após uma análise dos dados e respostas obtidas através de depoimentos, verificou-se a importância do projeto para uma maior qualidade de vida, tanto para famílias quanto para o desenvolvimento da criança com TEA. Assim, temos que o projeto TEAmo-Picos promoveu uma maior entendimento e envolvimento dos familiares, além de contribuir no desenvolvimento dessas crianças.

**Palavras-chave:** TEA, Família, Sensibilização.

### INTRODUÇÃO

O transtorno do Espectro Autista tem ganhando muito destaque dentro do cenário social nas últimas décadas, em grande parte, tais discursões se dão por conta do número de casos que vem sendo diagnosticados. De acordo com Whitman (2015) 1/47 crianças estão dentro do espectro. Tal cenário acarretou a idealização do Projeto TEAmo-Picos, idealizado por uma discente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), ensejando a

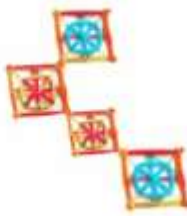
---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, [jessy.sa@live.com](mailto:jessy.sa@live.com);

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, [ianka-dantas@hotmail.com](mailto:ianka-dantas@hotmail.com);

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, [samia.mariia2@hotmail.com](mailto:samia.mariia2@hotmail.com);

<sup>4</sup> Professor orientador: Mestre em Educação, Universidade Estadual do Piauí - UESPI, [fabriciagomess@hotmail.com](mailto:fabriciagomess@hotmail.com).



sensibilização, aceitação e interação social de famílias que lidam com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), na condução de troca de experiências e conhecimentos entre profissionais e familiares, propiciando um melhor entendimento sobre o autismo e estimulando intervenções em âmbito da saúde, escola e cotidiano familiar.

O projeto vincula-se a UESPI como extensão<sup>5</sup> e como tal, conta com multiprofissionais tanto da instituição como de outros setores da sociedade Picoense: psicólogos, psicopedagogos, especialistas, estudantes de licenciaturas, profissionais da saúde e áreas afins, além de mães, pais e demais familiares de crianças com o diagnóstico do Transtorno Espectro Autista, conforme diagnóstico clínico.

As ações do projeto foram iniciadas no segundo semestre do ano de 2020 e conta atualmente com a realização de atividades virtuais, com *lives* via Instagram e rodas de conversas através da plataforma *Google Meet*, a primeira por meio de um endereço criado pelos organizadores do projeto, destinados a todos que o acessem e a segunda em plataforma fechada destinada a mães e pais de crianças com TEA. Diversos profissionais são convidados para levar conhecimento e trocar experiências sobre o desenvolvimento, inclusão, educação, saúde e direitos da pessoa com autismo nesses espaços.

Entender o autismo e suas causas é importante para aprender a lidar com as possíveis mudanças, por isso a compreensão do diagnóstico é essencial para que a família consiga se remodelar. Diante do exposto, almejamos principalmente verificar quais os impactos do diagnóstico TEA nas famílias e como o Projeto TEAmo-Picos influencia positivamente dentro do ambiente familiar dessas crianças.

Com o transcorrer do estudo podemos perceber várias dificuldades quanto ao reconhecimento da sintomatologia, devido os sintomas serem variáveis, não existido exame capaz de identificar, sendo assim, o diagnóstico é totalmente clínico avaliativo, uma vez que, cada autista tem suas particularidades. O diagnóstico pode desencadear mudanças no ambiente familiar, transformando-se em um momento complexo e desafiante. Tais percepções estão esboçadas no presente artigo, com um recorte das ações desenvolvidas e seus resultados.

Expomos, aqui, através de relatos obtidos via entrevistas com mães, que participam do projeto, a respeito do TEA, seus principais obstáculos e os impactos do diagnóstico, bem como a importância do projeto TEAmo-Picos para a vida familiar, correlacionando com o pensamento de alguns autores como: Franco (2016), Pinto (*et al.* 2016) e Lacerda (2016).

---

<sup>5</sup> Projeto de Extensão vinculado à Universidade Estadual do Piauí - UESPI, com financiamentos próprios.



A temática trazida à baila justifica-se pela necessidade de um olhar mais atento às famílias de pessoas com TEA, permitindo a interação entre essas e vários profissionais envolvidos no desenvolvimento biopsicossocial da criança. Espera-se que o projeto aqui apresentado seja estímulo para que elementos que permeiam o TEA sejam melhor compreendidos, bem como para a necessidade de mais diálogos e ações efetivas que amparem o bem estar e desenvolver da pessoa autista e sua família.

## METODOLOGIA

O estudo aqui proposto tem abordagem qualitativa, buscando uma aproximação dos sentimentos e subjetividades presentes nas falas das participantes, uma vez que os significados perpassam a ideia de meras palavras, mas entendem cada enunciado como uma expressão de vivências e pensamentos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de campo com caráter exploratório, o que de acordo com Severino (2007, p. 123), busca “(...) levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”.

O instrumento elegido para coleta de dados foi o questionário estruturado, enviado a duas mães de crianças com autismo que participam do projeto TEAmo – Picos, as quais se fizeram presentes nas atividades de Roda de Conversa. O instrumento foi enviado e retornado de forma virtual. Foi ainda enviado um Termo de consentimento e livre esclarecimento para corresponder à questão ética da pesquisa, sendo o mesmo assinado pelas participantes.

As rodas de conversa que tais mães participaram, intituladas “Um novo olhar” falaram da abordagem da integração sensorial na seletividade alimentar no TEA, Dicas para estabelecer rotina nesse período de pandemia, cada uma em dias distintos. A coleta de questionários se deu durante o mês de agosto do corrente ano, assim como a análise dos dados coletados.

As participantes terão suas identidades preservadas e receberão a seguinte identificação: Mãe A e Mãe B. O tratamento foi feito através da Análise de Conteúdo de Bardin (1977) o que possibilitou um olhar analítico das palavras e nuances das informações disponíveis.



## REFLEXÕES SOBRE AUTISMO E O CONTEXTO FAMILIAR

As atuais discussões sobre o Transtorno do Espectro Autista trazem a baila uma necessidade já presente, mas pouco evidenciada, no que tange ao processo de inclusão social e escolar e a aquisição de conhecimentos, principalmente por parte da família e sua inter-relação com educadores e profissionais da saúde. O autismo é definido como um transtorno complexo do desenvolvimento, do ponto de vista comportamental, com diferentes etiologias que se manifesta em graus de gravidade variados, sendo hoje usada a nomenclatura de Nível I, II e III (GADIA, 2006), respectivamente associando-se a necessidade de menor ou maior suporte para uma vida independente. Segundo o DMS-5, (2013 (2014), p.56)

Os primeiros sintomas do transtorno do espectro autista frequentemente envolvem atraso no desenvolvimento da linguagem, em geral acompanhado por ausência de interesse social ou interações sociais incomuns (p. ex., puxar as pessoas pela mão sem nenhuma tentativa de olhar para elas) padrões estranhos de brincadeiras (p. ex., carregar brinquedos, mas nunca brincar com eles), e padrões incomuns de comunicação (p. ex., conhecer o alfabeto, mas não responder ao próprio nome).

Diante desse cenário é comum encontrar dificuldades quanto ao reconhecimento da sintomatologia, sem o diagnóstico clínico. Dentre as temáticas ligadas ao assunto, destacamos o impacto familiar que a suspeita e/ou laudo desperta:

O nascimento de uma criança com deficiência ou transtorno grave de desenvolvimento é um acontecimento que, embora sempre temido, nunca é esperado e tem um impacto emocional significativo sobre a família e cada uma das pessoas que a compõem, que veem assim o seu desenvolvimento também profundamente afectado. (FRANCO, 2016, p.39).

É importante salientar que após o diagnóstico, situações como essa provocam alterações no âmbito familiar, causando certa instabilidade emocional. Para Pinto: (et al. 2016, p. 3) “O nascimento de um filho se constitui na formulação de um novo ciclo vital, o qual passa a ser idealizado pelos pais e por toda a família”. Quando ocorre o nascimento de um filho atípico, toda família é afetada. (PINTO et al. 2016).

Nesse sentido, a família da criança diagnosticada com TEA enfrenta ciclos de impacto com a realidade: rejeição, frustração, indagações ligadas a sentimentos de tristeza, raiva e indignação. Segundo Franco (2016, p.38) “quando é feito o diagnóstico de uma patologia severa, seja na altura do nascimento seja em qualquer outro momento ao longo da infância, há



inevitavelmente uma crise.” Diante desse cenário, compreende-se que o resultado clínico diagnóstico pode desencadear mudanças no ambiente familiar, transformando-se em um momento complexo e desafiante.

O autista manifesta déficit na reciprocidade socioemocional, déficit na comunicação e pode desenvolver padrões restritos e repetitivos de comportamentos, podendo apresentar-se relacionado a outras comorbidades, variando entre níveis leves e severos, o que pode afetar tanto a vida familiar, como escolar do indivíduo com esse transtorno.

Como informa DSM-5, (2013 (2014), p.99) “muitos indivíduos com transtorno do espectro autista também apresentam comprometimento intelectual e/ou da linguagem (p. ex., atraso na fala, compreensão da linguagem aquém da produção)”.

Quanto à comunicação não verbal, motivada pelos gestos e pelas mímicas, vemos que, no Autismo, é restrita, até em momentos nos quais a criança autista sente necessidades orgânicas (sede, fome) e não pede nem aponta para o que pode atendê-la. Na maioria dessas circunstâncias, a criança faz uso da mão, do punho ou do antebraço da pessoa mais próxima, usando a pessoa como ferramenta. (RODRIGUES e SPENCER, 2015, p. 25).

É notório que “(...) uma criança autista não apresenta o mesmo quadro clínico que outra, ou seja, cada uma possui características diferentes e específicas” (LACERDA, 2016, p.27). Logo, a importância de instrumentos assistidos para mediar informações, e dar suporte a suas famílias.

O autismo quando assistido e acompanhado tanto pela família, como escola e professores/profissionais especialistas pode ter um avanço significativo na aprendizagem e na vida em sociedade. Mas, quando não acompanhado devidamente pode ocasionar até mesmo regressão no desenvolvimento.

A família apresenta-se como o primeiro ambiente de socialização e interação de uma criança (SIGOLO 2004). Bosa (2006, p.51) ressalta que “a intervenção precoce é o melhor procedimento para o desenvolvimento da criança”. Nesse sentido é fundamental que as famílias percebam qualquer padrão de comportamento diferente, para que se tenha um diagnóstico precoce possível a intervenções.

Muitas mães desconhecem o transtorno, outras não sabem como lidar, algumas só o descobrem quando a criança é inserida na escola, causando um impacto tremendo no cotidiano dessas famílias, trazendo dúvidas, angústias, sentimento de frustração e incapacidade. Reforçando sobre esse ponto, Onzi e Gomes (2015, p. 192) ressaltam que “alguns sentem dificuldades em interagir com o filho e, reclusos na sua dor, acabam perdendo o contato com a sociedade e voltando sua atenção para a família, evitando julgamentos e críticas.” De início a





mãe, geralmente, desconhece, depois sofre por não saber lidar, pelo preconceito que essa criança possa vir a sofrer, sente-se impossibilitada e demora algum tempo para encarar a realidade.

Em decorrência desses fatores é fundamental um acompanhamento multiprofissional tanto para a criança como para a família, com orientações que viabilizem maiores conhecimentos, gerando uma luta consciente de resistência e afeto:

Um número cada vez maior de profissionais tem defendido que a forma mais adequada de se estabelecer o diagnóstico é de modo interdisciplinar, incluindo pelo menos um neuropediatra e um psicólogo com especialização em distúrbios do desenvolvimento. Esses profissionais têm a oportunidade de analisar cada caso conjuntamente, identificando as várias nuances do quadro clínico da criança e oferecendo à família informações detalhadas não apenas acerca do diagnóstico mas também do perfil médico, cognitivo e adaptativo da criança. (SILVA e MULICK, 2009, p.123).

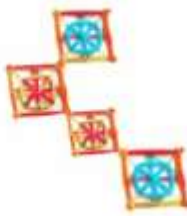
Entendemos que o resultado diagnóstico do TEA é complexo a priori, para um ambiente familiar desinformado, existindo necessidade de readaptação, de intervenções diversas. Muitas famílias não possuem um aparato financeiro para dispor desses profissionais que possam informar; ajudar e orientar, mesmo que o sistema público de saúde ofereça e esteja assegurado por lei, geralmente é incipiente, limitado para uma quantidade grande de crianças. Diante disso, muitos sem o devido conhecimento, resultam por distanciar a aceitação e, conseqüentemente retardar o desenvolvimento dessa criança.

É de suma importância a compreensão sobre as causas do autismo e, principalmente, sobre as conseqüências advindas dele. Expectativas positivas ou negativas quanto ao desenvolvimento e futuro do filho podem ser influenciadas pelo entendimento das informações e recursos oferecidos, necessários ao bom desenvolvimento da criança. (PINTO, *et al.* 2016, p.4)

Acrescido da complexidade sobre entender o diagnóstico, é de grande valia que essas famílias sejam assistidas, orientadas e acompanhadas, como citado na Lei 12.764, do Estatuto da Pessoa com Deficiência de 2012, popularmente conhecida como Lei Berenice Piana: “a atenção integral às necessidades de saúde da pessoa com transtorno do espectro autista, objetivando o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional e o acesso a medicamentos e nutrientes” (BRASIL, 2012 p.2) é essencial como condição de vida digna. Com o acompanhamento adequado, essas famílias conseguem lidar melhor com o TEA, tanto nos aspectos sociais, cognitivos, como emocionais.

Nessa situação, conforme Onzi e Gomes (2015, p.193):

Cabe aos pais compreender, portanto, as reais necessidades do seu filho e aceitar principalmente suas diferenças, para que possam deixar de lado o medo de serem inadequados, buscando auxílio e informação a respeito da sua condição. Assim,



quanto mais cedo a criança for tratada e diagnosticada, maiores serão as chances de seu desenvolvimento acontecer da melhor forma possível. No entanto, por vezes, na prática sabe-se que não ocorre de forma apropriada.

Quanto mais cedo for diagnosticado, maior as chances de avanços, com métodos de reabilitação que atuam como ponte para a autonomia e da criança com TEA. Uma família melhor informada sobre os elementos que subjazem ao autismo, suas possíveis especificidades e características, certamente é mais forte para lutar contra o preconceito (o qual em muitos momentos também está ligado à desinformação) e para possibilitar situações de estímulo para o bom desenvolvimento da criança. Escola e saúde precisam sobremaneira da família como auxiliadora em seus processos de intervenção, sem a qual, o melhor dos tratamentos corre o risco de não alcançar seus objetivos.

O acolhimento e sensibilização também fazem parte do suporte necessário para que pais, mães e demais familiares possam entender melhor o TEA. Para tanto, o compartilhamento com outras pessoas que vivenciam situações similares é enriquecedor, momentos que podem possibilitar não apenas trocas de informações, como também de afetos e de fortalecimento.

## RESULTADOS

Entendemos que existe leis que tratam da inclusão, que coloca o aluno autista ou qualquer outra pessoa com deficiência como um ser capaz, mas precisamos ir além da teoria, é necessário sede de luta para que possamos buscar a efetivação desses direitos na prática.

O Projeto TEAmo-Picos vem desenvolvendo ações que alcançam o seio familiar e sob esse olhar intenta-se os resultados aqui expostos. A partir dos dados coletados foi possível relacionar os achados com o referencial teórico levantado, tal associação segue nas próximas linhas, amparada por um olhar analítico e crítico do tema suscitado.

As participantes foram indagadas sobre o impacto do diagnóstico de autismo para a família. Ao que obtivemos como resposta:

*Embora já havíamos observado que a criança estava em atraso de desenvolvimento, o diagnóstico nos traz a frustração e certeza de que estamos diante de um problema que não tem cura, e que pouco se sabe a respeito. A família entra em processo de aceitação doloroso, que afeta as emoções e relações sociais, muitas vezes é necessário até acompanhamento multidisciplinar para minimizar os efeitos do diagnóstico. Quando existe aceitação do diagnóstico, a qualidade de vida familiar melhora de forma significativa, e isso influi inclusive no tratamento da criança com TEA, que passa a viver num ambiente mais receptivo e saudável (Mãe A).*



Tais palavras são importantes uma vez que as Rodas de conversa nasceram da necessidade de “acolher”, informar, formar e sensibilizar famílias que se percebem desassistidas após o diagnóstico do TEA. Maia (et al, 2016, p.2) sinaliza que “oferecer um acolhimento adequado aos pais cujo filho(a) teve diagnóstico do TEA é necessário e importante. Isso pode facilitar o enfrentamento do diagnóstico (...)”. Cunha (2016, p. 23) assevera que “o diagnóstico precoce é o primeiro grande instrumento de educação” o que é refletido na fala da Mãe A, principalmente quando destaca que ele pode ser um elemento essencial para um melhor desenvolvimento da criança, uma vez que serão realizadas intervenções específicas na escola e em terapias a partir dele.

Frisamos, todavia, que ainda que um diagnóstico não tenha sido fechado, se faz importante à intervenção precoce, a qual não deve vir “recheada” de rótulos, mas deve se encontrar como propulsora de estimulações que ajudarão o desenvolvimento da criança seja ela típica ou atípica.

As participantes foram questionadas sobre o impacto das Rodas de conversa em suas relações familiares.

*As rodas de conversa do projeto TEAmo tem impactado favoravelmente a vida e as relações familiares de pessoas que convivem com TEA, uma vez que possibilita a ampliação do diálogo, a troca de experiências, a formação de vínculos e o desenvolvimento de estratégias que ajudam no enfrentamento do Transtorno do Espectro Autista (Mãe A).*

*As rodas de conversas impactam de forma positiva pois nos coloca em contato com vários profissionais que lidam diretamente com o TEA. E através deste contato, sanamos dúvidas, perguntamos, somos orientados. Proporciona-nos um elo muito importante entre família e profissionais capacitados (Mãe B).*

Ambas responderam favoravelmente a atividade de Rodas de Conversa. Destacam entre outras coisas, a possibilidade de aprender com as experiências de outras famílias, conhecer mais sobre o TEA e sanar dúvidas a partir do contato mais estreito, também, com profissionais da área. Destaca-se a fala da Mãe B quando fala: “somos orientados”, essa colocação tem grande significação, uma vez que estudos como os de Teixeira (2014) relatam a importância da orientação de pais para melhor desenvolvimento de uma criança que se encontre dentro de uma condição que requeira maiores atenções. É sobremaneira essencial o envolvimento da família.

Para que estas apoiem o desenvolvimento de seus filhos de maneira ativa, visando aproveitar a rotina diária da criança, em ambiente estruturado e natural, como diversas oportunidades para o aprendizado, e colaborar (...) para a manutenção e generalização dos conhecimentos adquiridos pelos seus filhos com TEA (UBEID, 2017, p.9).





Tal participação familiar, em muitos casos é deficitária, por falta de conhecimento sobre o “universo” tão vasto que é o TEA, orientações de profissionais de educação, saúde, vivências de outras famílias com contextos similares, podem auxiliar não apenas a sensibilização, como também a possibilidade de mães, pais e outros familiares estimularem de forma mais concreta e qualitativa a criança com autismo. Também de entenderem melhor as ações da criança e suas necessidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

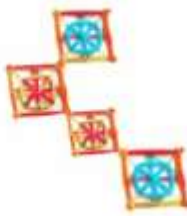
Durante análise do trabalho, podemos perceber a importância do projeto TEAmo- Picos e o impacto positivo na vida de pessoas que convivem com o TEA, uma vez que as rodas de conversas entre profissionais com familiares, proporcionam um ambiente acolhedor, favorável e oportuno para melhor conhecer, aceitar e incluir a criança autista. São gerados além de uma sensibilização social, vínculos afetivos, empatia e troca de experiências que possibilitam reflexões e o sentimento de fazer com que a criança sintam-se pertencente e integrada em sociedade.

O processo de desenvolvimento torna-se mais difícil pelo desconhecimento em relação ao transtorno, uma vez que os impactos causados pela descoberta de uma criança autista na família são inúmeros. Ter um filho é um processo que requer planos e obrigações, os pais carregam expectativas e desejos com a chegada da criança, quando se deparam com o diagnóstico do transtorno, o seu planejamento se desaponta, ocasionando uma desilusão, sendo necessário uma reorganização familiar para a aceitação e o desenvolvimento desse indivíduo.

A partir dos resultados desse estudo, consta a necessidade que essas crianças tenham suporte para seu pleno desenvolvimento, e para que isso aconteça é fundamental que a família tenha um bom entendimento para lidar com transtorno, logo um ambiente familiar influi na qualidade de vida da criança com TEA, como citado em depoimentos.

Nesse sentido, uma família que esteja bem engajada na contribuição para a melhoria de vida do indivíduo TEA, tem uma maior capacidade de contribuir para o traçar de um desenvolvimento significativo.

No entanto, nem todas desfrutam de condições financeiras e capacitação para ajudar os filhos e o sistema público de saúde não alcança todas as demandas. Mas, através do projeto TEAmo-Picos essa realidade está sendo modificada, com envolvimento dos integrantes do



projeto é possível a melhor qualidade de vida dessas famílias, além de contribuir no desenvolvimento dessas crianças.

Assim, ainda se faz importante outros fatores para que isso aconteça, como exemplo: a capacitação do profissional da educação para lidar com o Transtorno Espectro Autista na sala de aula, de anos iniciais, e de outros níveis, bem como auxiliar responsáveis, orientando e trabalhando as particularidades de cada ser, mas para que isso ocorra o professor necessita de uma formação continuada, ficando esse ponto como uma referida sugestão para possíveis trabalhos futuros.

Por tudo que foi exposto, podemos concluir que o projeto tem apresentado resultados positivos para as mães que dele participam, tanto com novos conhecimentos sobre o TEA, como no aspecto de acolhimento social. O projeto funciona como uma ferramenta construtora de apoio, abrindo portas para uma sensibilização mais profunda, contando com multiprofissionais, oferecendo, assistência, orientações, esclarecendo dúvidas e ajudando amenizar no adoecimento psíquico, mais especificamente em mães de autistas. Esperamos que outros estudos sejam incentivados a partir desse e que mais projetos sejam efetivados em prol do bem estar e desenvolvimento biopsicosocial da pessoa com TEA e sua família.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-V**. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <<http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>>. Acesso em: 30 de jul. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977

BOSA, Cleonice. (2006). **Autismo: intervenções psicoeducacionais**. Rev Bras Psiquiatr. 2006;28(Supl I):S47-53. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s1/a07v28s1.pdf>>. Acesso em: 11 de jun. 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei n. 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 149, 2012. p. 1. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm)>. Acesso em: 29 de ago. 2020

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: Um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar**. 4a. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.



FRANCO, V. **Tornar-se pai/mãe de uma criança com transtornos graves do desenvolvimento.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 59, p. 35-48, jan./mar. 2016. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/er/n59/1984-0411-er-59-00035.pdf>.> Acesso em: 02 de ago.2020.

GADIA, Carlos. Aprendizagem e autismo: **transtornos da aprendizagem: abordagem neuropsicológica e multidisciplinar.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

LACERDA, Francisca Ellis Cristine De Sousa. **AUTISMO: entre o silêncio e a socialização.** 2016. 72 f. Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Piauí, Picos, Piauí, 2016.  
MAIA, Fernanda Alves. et al. **Importância do acolhimento de pais que tiveram diagnóstico do transtorno do espectro do autismo de um filho.** (2016)  
Disponível: <<https://www.scielo.br/pdf/cadsc/v24n2/1414-462X-cadsc-24-2-228.pdf>>  
Acesso: 31 de ago. de 2020.

ONZI, Franciele Zanella, GOMES, Roberta de Figueiredo. **Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e reabilitação.** Caderno pedagógico, Lajeado, v. 12, n. 3, p. 188-199, 2015. ISSN 1983-0882. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/979/967>>. Acesso em: 15 de jun. 2020.

PINTO, Rayssa Naftaly Muniz, TORQUATO, Isolda Maria Barros, COLLET, Neusa, REICHERT Altamira Pereira da Silva, NETO, Vinicius Lino de Souza, SARAIVA, Alynne Mendonça Saraiva. **Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares.** Revista Gaúcha de Enfermagem, 2016 set;37(3):e61572.: Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>.> Acesso em: 03 de jun. 2020.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho; SPENCER, Eric. **A Criança Autista: um estudo psicopedagógico.** 2ªed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2007. Disponível em <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3480016/mod\\_label/intro/SEVERINO\\_Metodologia\\_do\\_Trabalho\\_Cientifico\\_2007.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3480016/mod_label/intro/SEVERINO_Metodologia_do_Trabalho_Cientifico_2007.pdf)> Acesso em: 30 de ago.2020.

SIGOLO, Silvia Regina Ricco Lucato. (2004). **Favorecendo o desenvolvimento de Competências: ênfase nas trocas interativas no contexto familiar.** Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/9874>> Acesso em: 10 de jun. 2020.

TEIXEIRA, Gustavo. **O reizinho da casa.** [recurso eletrônico]. 1a. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2014.

UBEID, Glauce Cardoso. **Treino parental por vídeo modelação: relato de pais de crianças com transtorno do espectro autista.** 2017. 102 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

WHITMAN, Thomas. **O desenvolvimento do autismo.** São Paulo: M.Books, 2015.